



## **Sobre o açaí no lago Capanã Grande/AM: relações sociais e circulação de valores e significados em uma cadeia de tradução**

André Segura Tomasi<sup>1</sup>

Mônica Celeida Rabelo Nogueira<sup>2</sup>

### **Resumo**

O modo de vida coletor, ligado ao extrativismo vegetal, sustenta relações em torno da vida comum entre espécies há milênios. Humanos e plantas criam espaços de coabitação em torno de paisagens repletas de marcas de um passado mútuo e interacionista, manifesto na longa duração pelo vestígio vivo de arqueologias, histórias, mitos e filosofias de coexistência. Parte desta interação com o mundo consiste na coordenação de grupos e sociedades aos diferentes ciclos das plantas. A relação humanos e plantas, distribuída em variações culturais diversas pelo globo, suscita interpretações diversas sobre a física e metafísica (ontologias), as regras (epistemes) e o ritmo (repetição) do mundo. A sazonalidade rítmica das plantas, para o nosso caso do açaí solteiro (*Euterpe precatória*), marca os tempos da vida em sociedade e os arranjos entre pessoas no lago do Capanã Grande, sul do estado do Amazonas. A venda pelas famílias e grupos extrativistas aos comerciantes da região faz com que o açaí deixe de ser apenas parentesco e aliança. Quando vendido, o fruto passa para sua ontologia mercadoria, atrelada a um valor-preço, à sua tradução econômica. O açaí é algo que carrega e circula significado, em descontinuidades e continuidades de interações que o requalificam a cada salto ao longo da cadeia de tradução. O açaí circula por múltiplos circuitos e sistemas de valoração, mobilizando ontologias, significados, modos de vida e trabalho. A ontologia e semântica culturalmente localizada (as práticas, rotinas, domínios técnicos, representações simbólicas, reciprocidade e valores) interage com os fluxos multi escalares de demanda por alimentos (mercados, estoques, contratos, indústria de transformação e consumo). Compreender como as sociabilidades florestais culturalmente localizadas interagem com fenômenos de mercado, emulando modalidades de combinações e prestações entre pessoas, é interpretar as várias possibilidades de tradução que conferem valor ao açaí ao longo de uma cadeia de dupla afetação entre humanos e plantas. Trata-se de reconhecer um percurso de significados a partir de interações que, para o nosso caso da pesquisa inclui, de um universo de possibilidades de tradução sobre o açaí, o seu valor-reciprocidade e o seu valor-preço. A hipótese formulada diz que a coleta sazonal do açaí desvela um repertório local de reciprocidade = {combinações e prestações (parentesco, aliança e trocas comerciais)} que mobiliza rotinas e práticas sazonais para a coleta e venda do açaí. A pesquisa apoiou-se em registros de campo pré-pandemia, aplicação de um formulário, na modalidade survey sobre produção trabalho e renda entre famílias de um projeto de desenvolvimento sustentável da cadeia do açaí e em pesquisa documental e bibliográfica.

**Palavras-chave:** açaí, extrativismo, reciprocidade, cadeias-rede, tradução

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural PPG MADER/ Universidade de Brasília (UnB).

<sup>2</sup> Professora Adjunta Universidade de Brasília, UnB. Doutora em Antropologia / DAN UnB.

## **Florestas e balsas: entre a apanha vegetal e a draga mineral**

A pesquisa tratou de certas combinações e prestações (parentesco, aliança e trocas comerciais) entre extrativistas da Amazônia, e dos agenciamentos e traduções operados sobre o açaí por atores ao longo do seu trânsito por múltiplos circuitos e sistemas de valoração e significação. Teve como foco empírico as relações de coleta e venda do açaí solteiro (*Euterpe precatoria*) e está situada na *Reserva Extrativista, a RESEX, lago do Capanã Grande*, município de *Manicoré/AM*. Meus interlocutores do lago são açazeiros, castanheiros e garimpeiros, além de caçadores, pescadores, artesãos e agricultores. Existe uma gama de movimentos e coordenações coletivas realizadas pelas populações tradicionais do lago, que formam combinações e estabelecem prestações e trocas em torno de jornadas mutuas, com ritmos sazonais para a mata e várzeas. A pesquisa focou no modo de vida extrativista ligado ao açaí, e nas relações sociais mobilizadas sazonalmente por grupos de afins que se organizam para a coleta e que interagem com atravessadores e comerciantes regionais para a venda do fruto no lago. O açaí encadeia relações entre pessoas, grupos, populações, comerciantes, processadores e consumidores, e é o centro de uma *economia de relações* (Ribeiro 2016). Um fruto que articula valores a depender de quem o detém na *cadeia*<sup>3</sup>. Na cadeia de transformação dos valores e significados do açaí funda-se a experiência da pesquisa.

Importante frisar que o trabalho profissional em torno do açaí no lago do Capanã Grande se dá numa organização não-governamental, a ONG socioambientalista *Instituto Internacional de Educação do Brasil*, o IEB<sup>4</sup>, instituição na qual trabalho há oito anos; que o projeto de desenvolvimento sustentável da açaí é financiado pela *Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional*, a USAID<sup>5</sup>; e que esta, por sua vez, é quem custeou as incursões que permitiram o contato com as populações extrativistas do lago do Capanã Grande há pelo

---

<sup>3</sup> Veremos que a depender do objetivo, podemos emular a codificação *cadeia* para vários arranjos de relações e trocas entre grupos, culturas e sociedades: *cadeias produtivas*, *cadeias de valor*, *cadeias de tradução*.

<sup>4</sup> O IEB é uma instituição socioambientalista que atua no campo da formação de capacidades, coordena e executa projetos, articula arranjos interinstitucionais em rede, trabalha com parceiros e promove a interação entre organizações da sociedade civil, associações comunitárias, instâncias de governo e do setor privado, incorporando os saberes de parceiros, as diferentes culturas e o conhecimento tradicional e popular. Na RESEX Lago do Capanã Grande, o papel do IEB é promover e estruturar a cadeia de valor do açaí em termos de organização para a produção e para a comercialização.

<sup>5</sup> A USAID é uma agência internacional e multilateral de cooperação técnica para o desenvolvimento. É uma das maiores agências de cooperação governamental do mundo, apoiando esforços para a redução da pobreza, em catástrofes e ajudas humanitárias, fortalecimento da democracia, saúde e educação, meio ambiente e crescimento econômico.

menos três anos e meio, a partir da interação com a Associação de Moradores Agroextrativistas da RESEX lago do Capanã Grande (AMALCG), organização de representação política dos moradores do lago. No lago do Capanã Grande e entorno imediato habitam cerca de 210 famílias, distribuídas em 13 comunidades ribeirinhas, sendo 05 *beneficiárias*<sup>6</sup> da RESEX (universo geográfico da pesquisa), 06 que situam-se nos limites da RESEX, distribuídas parte nas margens do rio Madeira, na boca do lago e parte no PAE Matupiri, além de uma aldeia indígenas do povo Mura, na TI lago Capanã Grande. A RESEX Lago do Capanã Grande é uma unidade de conservação federal de uso sustentável criada no ano de 2004, situada na margem esquerda do médio rio Madeira, distante 76 km da sede do município de Manicoré/AM, 332 km em linha reta e 1.057 km por rios de Manaus/ AM.

Atualmente, as principais fontes de renda das famílias do lago do Capanã Grande são o extrativismo da castanha-da-amazônia (*Bertholletia excelsa*) e do açaí (*Euterpe precatória*), além do garimpo de ouro, extraído mediante a disposição de dragas rudimentares nas imediações da boca do lago do Capanã Grande, diretamente no leito do rio Madeira. Atrás do garimpo e da castanha-da-Amazônia, por volta dos últimos dez anos, o açaí tornou-se a terceira principal fonte de renda monetária extrativista da população do lago.

A sazonalidade acomoda os circuitos de reciprocidade e a forma como as pessoas combinam-se para o trabalho coletivo no lago. Ora coletam frutos maduros de espécies vegetais, ora garimpam ouro por barrancos e bancos de areia. O ritmo das águas acompanha os modos de vida do lago do Capanã Grande. Quando chove, enchem-se os rios e os frutos da floresta ficam maduros, período em que as famílias e grupos estão para as matas e várzeas abundantes em açaí e castanha; durante a seca não chove e tampouco há frutos, afloram barrancos pela baixa vazão dos rios, que levam as pessoas, famílias e grupos (as mesmas do açaí e da castanha) para o garimpo de ouro em suas balsas rudimentares. Apesar da relevância do garimpo e da castanha na vida destas pessoas, para efeito de simplificação, preferiu-se focar no açaí, uma espécie de *microcosmos de totalidades* (Bourdieu et al. 1999) por onde transitei por mais tempo

---

<sup>6</sup> “Entende-se por beneficiários da Reserva os moradores da RESEX que são reconhecidos pela relação de beneficiários (RB) da Unidade de Conservação. Por usuários entendem-se as famílias beneficiárias do PAE Matupiri (comunidades de São José do Cumã e São Sebastião do Cumã) e as famílias indígenas que moram nas aldeias do lago do Capanã (TI Lago do Capanã e Ariramba). Também são usuárias as famílias de algumas comunidades que moram no entorno imediato da Reserva Extrativista, no rio Madeira. Por moradores ou habitantes do lago do Capanã entendem-se os beneficiários e os usuários que moram ao longo do lago do Capanã Grande - PAE Matupiri e TI Lago do Capanã” (BRASIL 2013: 162).

e colhi mais insumos, apesar do interesse por tudo aquilo que remetia aos modos de vida extrativista durante os campos que realizei.

A sazonalidade aflora um tipo de existência (Almeida 2013; Ribeiro 2016; Latour 2019), um modo coletivo de ser (Descola 2015). Para o caso do açaí no lago do Capanã Grande, o extrativismo do açaí ocorre entre os meses de dezembro a abril, durante o inverno amazônico, período das chuvas. Já o garimpo ocorre de maio a outubro, durante o período da seca amazônica, momento em que o rio Madeira está mais baixo, o que aumenta a produtividade do trabalho pela exposição dos barrancos e bancos de areia. O garimpo é parte importante da vida destas populações. Contraponto sazonal à vida na mata, o garimpo é existir na calha do rio.

No lago do Capanã Grande, emaranhado a este contexto do extrativismo vegetal (da apanha) e mineral (da draga) existe o movimento empreendido pelo campo do *desenvolvimento sustentável* (Acselrad 2009; Alier 2014; Becker 2007; Ribeiro 2012; Sachs 2004), esta ideia-força que viabiliza o projeto de estruturação da cadeia do açaí no qual trabalho. Tanto as relações multilaterais entre agências internacionais de cooperação técnica, que oportunizam o aporte de investimentos entre Estados na agenda do desenvolvimento (infraestrutura, meio ambiente, planejamento, urbanização, gestão territorial, economia florestal etc.), como o fluxo financeiro injetado por mercados nacionais e internacionais em economias florestais (capital de giro, contratos, redes de distribuição logística e consumo de alimentos) fazem parte do meu universo de trabalho e implicam em valores e significados atribuídos ao açaí por estas esferas e campos de racionalidade.

O espectro do campo do desenvolvimento ocupado pela agência de cooperação técnica dos Estados Unidos, para este caso específico dos produtos da sociobiodiversidade, diz respeito ao entrelaçamento de uma visão *economicista* e outra *conservacionista* do problema. Tal visão converte-se pragmaticamente no incremento da remuneração do trabalho empregado na coleta do açaí, sob a condição de que para tanto a floresta se mantenha íntegra. Por uma engrenagem e lógica de *projetos*<sup>7</sup>, o objetivo é conservar a floresta e auferir renda às populações extrativistas. Há, deste modo, predisposições dadas pelo campo do desenvolvimento que consideram o

---

<sup>7</sup> “Os projetos são os artefatos que sumarizam a necessidade de controle sobre tempo, pessoas e recursos. Práticas contábeis, definições legais, planos, objetivos racionais e o uso de tecnologias são altamente dependentes do compartilhamento do mesmo horizonte cultural e de certos níveis de educação formal” (Ribeiro 2012: 220).

aspecto mercadológico da sociobiodiversidade um expediente das estratégias de conservação das florestas.

Para além do foco economicista-conservacionista dado ao açaí pelo campo do desenvolvimento sustentável, existem questões subsumidas ao projeto da cadeia do açaí que apontam para outros temas, em geral, postos como laterais ou assessórios por esta agenda. A pesquisa translada seu foco para aspectos sociais e culturais tidos como pouco importantes ou laterais para a condução do projeto de desenvolvimento sustentável no lago.

A pesquisa pretendeu abordar, portanto, como a coleta do fruto do açaí movimentava relações sociais (parentesco, aliança e trocas comerciais) entre grupos de extrativistas da Amazônia, e como se dão certas combinações e prestações que mobilizam ontologias, valores, modos de vida e trabalho. Por sua vez, tais combinações e prestações são as próprias famílias e grupos mobilizados para a coleta, sem os quais não há o produto açaí. A venda pelas famílias e grupos extrativistas aos comerciantes da região faz com que o açaí deixe de ser *parentesco* e *aliança*. Na cadeia de tradução, o fruto quando vendido passa para sua ontologia *valor-preço*, associada ao seu código ou tradução econômica. Quando o açaí é comercializado pelas famílias e grupos domésticos, ele passa a circular por diferentes circuitos e pelas mãos de muitos atores, interagindo com novos campos de intencionalidade e racionalidade. O açaí é algo que carrega e circula significados em *descontinuidades e continuidades*<sup>8</sup> de interações que o requalificam constantemente ao longo da cadeia. Pretende-se, portanto, compreender como o açaí movimentava relações sociais, ontologias, valores, modos de vida e trabalho, desde os circuitos locais de coleta, até a inserção em indústrias de processamento regionais, com foco nas interações das famílias e grupos coletores do lago do Capanã Grande/AM com outros atores e valores atribuídos ao fruto ao longo da sua cadeia de tradução.

Com a pandemia do coronavírus, a formulação metodológica anterior de que as respostas estão na coleta e sistematização de observações de campo caiu por terra, apontando para uma reformulação parcial da pesquisa, não em seu nível temático ou argumentativo, mas sim, metodológico. Desde então, a pesquisa foi baseada na sistematização e exame dos dados

---

<sup>8</sup> “As diferenças que contam são aquelas que se acumulam a partir das redes de descontinuidades de forma, matéria, comportamento ou função e são trazidas ao nosso alcance pelo movimento do mundo. Descontinuidades que às vezes são claras e outras vezes mal delineadas; descontinuidades que podemos reconhecer ou ignorar, dar ênfase ou minimizar, tornar realidade ou manter como potencialidade; descontinuidades que formam a estrutura na qual estão presas nossas relações com aquilo que Merleau-Ponty pertinentemente chamou de “corpos associados” (Descola 2015: 32-33).

empíricos obtidos na fase exploratória valendo-se especificamente de registros de campos realizados em contexto pré-pandêmico, na aplicação e interpretação de um *survey* sobre produção, trabalho e renda do açaí<sup>9</sup> aplicado entre as famílias participantes do projeto de desenvolvimento sustentável em outubro de 2019 e em entrevistas, vídeos, exercícios, matrizes e esquemas elaborados no curso de formação remota que o IEB desenhou e está implementando no tema de gestão de empreendimentos comunitários, em que participam dois cursistas indicados pela AMALCG.

### **Relações, cadeias e redes humanos-plantas**

Parte dos conhecimentos tradicionais (Cunha 2012) reside na relação humana com as plantas (o que, como e quando coletar, processar, armazenar, comer, oferecer, distribuir, vender). A relação passada, no presente e de futuro entre humanos e plantas, distribuída em variações culturais diversas pelo globo terrestre, suscita interpretações variadas sobre a física e metafísica (ontologias), as regras (epistemes) e o ritmo (repetição) do mundo (Almeida 2013; Cabral de Oliveira 2016; Cabalzar et al. 2010; Carney 2017; Eidt & Udry 2019; Maizza 2014; Nealon 2016; Scott 2017; Silveira 2011; Tsing 2015, 2019).

São refinados os conhecimentos sobre o ciclo e variação sazonal das plantas entre povos indígenas e populações tradicionais. As interpretações míticas, por exemplo, envolvem as plantas e conseqüentemente o conhecimento sobre quando e como devem ser semeadas, manejadas, colhidas, processadas, comidas. O ritmo dos rituais que celebram os mitos acompanha a sazonalidade e o tempo de certas plantas no contexto da socialidade, da reciprocidade, das trocas. São rituais, festas, encontros que celebram a dádiva das plantas: o cará, a castanha, o milho, a mandioca, o amendoim, o guaraná, dentre muitas outras, que entrecruzam as estações, espécies, os ambientes, os locais míticos dos territórios, as epopeias, a memória e história dos povos. Os sistemas de classificação dos seres vivos e não-vivos por aspectos diversos (dureza, acidez, amargor, cor, doçura, curas, tratamentos, força, comportamento, aspectos da forma, resguardos, interdições, tabus) são importantes para a

---

<sup>9</sup> A aplicação do *survey* contou com a visita a 18 das 25 famílias que compõem o projeto de desenvolvimento sustentável do açaí na RESEX lago do Capanã Grande. Os objetivos do *survey*, como o próprio título do questionário nos indica, foi investigar a capacidade produtiva das famílias, o trabalho envolvido, bem como a renda associada. Outros pontos ligados à divisão social do trabalho, identificação e composição das famílias, manejo, técnicas de coleta, boas práticas, custos, insumos, acordos de comercialização também foram captados por um formulário baseado em Lima (2016).

compreensão do modo como constituem-se os conhecimentos, saberes e técnicas em diferentes culturas. O conhecimento move a ação técnica e coletiva em concordância com o calendário ritual-sazonal de espécies vegetais cultivadas ou coletadas, com interpretações de comunidade, dos seres, das coisas e da vida com outros significados e sentidos. A vida, composta por relações, interações, assembleias de seres e coisas, pode sofrer sérias repercussões caso certas prescrições e formas de interação não forem cumpridas: nascimentos indesejáveis, aparições de espíritos, animais ou doenças, períodos sem chuva ou de muita chuva, agouro, fome ou morte. Os “donos-mestres” das coisas, incluindo das plantas, interagem com os humanos numa tensão constante entre a bonança, o equilíbrio, a aliança e a desventura, a desarmonia, a guerra. A interação com o donos-mestres das plantas diz respeito à forma correta, na tradição, de como e com quem cultivar ou coletar, quanto produzir ou apanhar, quando ir para as matas, várzeas e capoeiras (Lima, Oliveira & Shiratori 2021).

Os ciclos de determinadas plantas acomodam modos de vida em ordenamentos ecológicos periódicos e sazonais que reafirmam a perpetuação das tradições e das práticas culturalmente localizadas. A sazonalidade rítmica das plantas, neste caso do açaí *Euterpe precatoria*, marca os tempos da vida em sociedade e os arranjos de associação entre pessoas no lago do Capanã Grande, no sul do estado do Amazonas. Em torno das práticas ecológicas e rotinas sazonais partilhadas sobre o açaí, extrativistas da Amazônia organizam-se em combinações e prestações de pessoas para vendê-lo em circuitos econômicos que partem das áreas de coleta, ganham rios, adentram as casas com suas bateadeiras, passando por usinas de processamento regionais, para ao final ser consumido congelado, batido com xarope de guaraná, banana ou abacate e toda sorte de guloseimas possíveis, as tigela de açaí batido, em mercados do sul e sudeste brasileiros.

Combinações entre famílias e grupos domésticos são mobilizadas e prestações destes com comerciantes e projetos de desenvolvimento sustentável são estabelecidas durante a coleta sazonal do açaí, período no qual redes de parentesco e aliança são vivificadas para irem às várzeas e matas coletar. Para que extensas redes, ou cadeias, de consumo de produtos florestais não madeireiros existam, outras de reciprocidade são formadas por extrativistas da Amazônia. Para que o expediente da conservação da floresta amazônica avance, no caso pela valoração econômica dos seus frutos, é necessário que extrativistas se combinem para a coleta. Sem trocas e prestações entre grupos extrativistas não existe mobilização para o trabalho que faça com que

o fruto do açaí circule por determinados circuitos comerciais ou campos, como o das cadeias de valor ou do desenvolvimento sustentável.

### **Populações extrativistas e a sazonalidade dos modos de vida tradicionais**

Uma sofisticada engrenagem de irradiação do valor financeiro da borracha estruturou-se por rincões produtivos que cobriam vastas extensões da floresta amazônica do Brasil, Peru e Bolívia<sup>10</sup> na passagem do século XIX para o XX. Povos indígenas, cuja presença nas áreas dos seringais produtivos era muito mais antiga, foram de forma violenta incorporados à economia da borracha em sua essência capitalista mais vil e hedionda. As chamadas *correrias*<sup>11</sup>, ou aniquilavam populações indígenas inteiras, ou incorporavam grupos sobreviventes ao trabalho forçado (Iglesias 2008; Almeida 2004). Da barbárie surge a figura do *caboclo da Amazônia*<sup>12,13</sup>.

O desenvolvimento de uma ampla rede-de-valor baseada na borracha, na escala de disseminação em que se deu, e pelo tempo que perdurou, entre ciclos de crescimento e declínio, repercute nos modos de vida amazônicos até os dias atuais. As formas de fazer roçados, caçar, colher, mariscar, construir, cozinhar, vender, coletar, produzir, cortar seringa, fabricar óleos, se locomover, se orientar, classificar animais e plantas, cuidar dos quintais e terreiros, lidar com tabus, a religiosidade, consensuar normas, matar e morrer, interagir com seres e entes da floresta, os conhecimentos envolvidos em jornadas sazonais à mata e às várzeas, compõem o modo de vida de grupos e famílias de extrativistas da Amazônia (Cunha & Almeida 2002; Pantoja 2004; Brondízio 2008; Almeida 2012; Scaramuzzi 2020; Stoll et. al. 2019).

Para o caso amazônico, a sazonalidade das práticas e rotinas abre oportunidade para a interpretação dos modos de vida a partir da caça e pesca (ontologias animais), e da coleta e

<sup>10</sup> No auge do primeiro ciclo da borracha o Brasil acrescenta terras aos seus limites nacionais em 1903 pelo tratado Brasil-Bolívia e em 1909 pelo tratado Brasil-Peru, baseando-se na ocupação das áreas por seringueiros que se orientavam em busca da borracha (*Hevea brasilienses*) e não pela ocupação que perseguia o caucho (*Castilloa ullei*), outra espécie gomífera cuja exploração extensiva estava sendo feita pela colonização espanhola na América do Sul, e que possuía outra ecologia econômica associada (Almeida 2004).

<sup>11</sup> “Os patrões dos seringais organizavam as chamadas ‘correrias’, expedições armadas que cercavam e invadiam as malocas indígenas, a pretexto de retaliar ataques indígenas ou simplesmente para tomar seus territórios, dizimando seus moradores, mas também aprisionando mulheres e crianças” (Almeida & Pantoja 2004: 119).

<sup>12</sup> “Existem pelo menos duas etimologias diferentes para a palavra caboclo. Costa Pereira (1975, p. 12) cita Teodoro da Silva, que afirma que ‘caboclo’ deriva do tupi caa-boc, que quer dizer ‘o que vem da floresta’. Parker (1985a: xix) propõe outra etimologia, encontrada no Dicionário de Aurélio B. Ferreira (Ferreira, 1971) [que] sugere que o nome vem da palavra tupi kari'boka, que significa ‘filho do homem branco’” (Lima 1999: 9, grifos nossos).

<sup>13</sup> “Vários seringueiros dessa região, muitos deles com famílias formadas de uniões entre nordestinos migrantes e mulheres raptadas de aldeias indígenas, mantinham cerimônias de uso do ‘cipó’, realizadas em segredo e sob o temor da repressão patril” (Almeida 2004: 48).



agricultura (ontologias vegetais). Em relação ao mundo das plantas, a itinerância ritmada para áreas de abundância intensivas (roçados) ou extensivas (florestas) acompanha sempre um jeito de fazer, um como, que articula conhecimento, técnica, habilidade e prática de um mundo sensível, que é mais do que aprendido, é vivido em atenção e consciência (Ingold 2004; Cabral de Oliveira 2016; Lima, Oliveira & Shiratori 2021).

Os modos de vida sazonais conectam-se aos *conhecimentos tradicionais* (Cunha 2012), que por sua vez constituem-se, em partes, pelas *práticas e rotinas sazonais* partilhadas por grupos para a coleta e apanha de frutos. Da descrição destas investidas às matas e rios surgem aproximações temáticas que abrem o debate para temas como classificação, tabus, técnicas e percepções espaciais. “Poderíamos dizer que os sistemas de conhecimentos ditos tradicionais, na medida em que exploram as possibilidades de ontologias diversas e mundos alternativos, prefiguram questões e merecem análise da filosofia da ciência” (Cunha 2012: 458).

Portanto, parte-se de como as rotinas e práticas associadas à coleta, pré-processamento e venda do açaí podem trazer elementos para a descrição e caracterização dos modos de vida extrativistas tradicionais na Amazônia, a partir do caso do lago do Capanã Grande, Amazonas.

### **Parentesco, aliança e trocas comerciais**

Na pesquisa foi dada atenção para o tema das *trocas* (Lanna 2000; Mauss 2003 [1906]; Polanyi 1980 [1944]; Sabourin 2005, 2011, 2012; Villela 2001), terreno fértil para refletir sobre a reciprocidade das combinações e prestações simbólicas (dom) e mercantis (capitalista), a partir do caso do lago do Capanã Grande.

Em termos gerais, Mauss sugere que a dádiva é a origem das trocas nas sociedades, é um ato “reflexivo entre sujeitos, uma relação intersubjetiva” (Sabourin 2012: 4) que visa “sacrificar uma satisfação material para satisfazer uma relação pessoal” (Veyne 1995: 83 *apud* Villela 2001: 209). As trocas são formas de circulação de bens tangíveis (pessoas, amuletos, rochas, minerais, metais, plantas, reduções, processados, comidas, parte ou animais inteiros, sementes, plantas *in natura* ou partes processadas, artefatos, armas, artesanias) e intangíveis (nomes, palavras, a Paz, a Fatura, a Bonança, a Fertilidade, a Abundância, o Prestígio, a Cura) que criam relações hierárquicas, relações de poder, rivalidades potenciais, cooperação, cumplicidade entre membros de famílias, clãs e grupos sociais (Mauss 2003 [1923-24]). A reciprocidade, a troca, é uma síntese a priori gestada no nível do inconsciente estrutural;

sociedades humanas trocam, a reciprocidade é um estado generalizado da condição humana (Lévi-Strauss 2003 [1950]). As trocas ocupam espaço importante em relação à socialidade humana: acomoda posições, ameniza estranhamentos, evita tensões, reforça vínculos e reafirma tradições.

Eduardo Viveiros de Castro (2000: 8) traça um ”esboço [d]os contornos do que poderia ser uma teoria geral da socialidade amazônica, a partir de seu conceito de parentesco”, centrando o olhar em relação à influência da “afinidade” sobre a “consanguinidade”:

Pois a afinidade amazônica pode se aplicar a relações com estranhos mesmo se nenhum casamento acontece; e mais, ela se aplica sobretudo àqueles estranhos com os quais o casamento não é uma possibilidade pertinente. E assim reencontramos o ponto de Lévi-Strauss a respeito dos usos extraparentesco do idioma da cunhadez. Recorde-se que *tovajar*, a palavra tupinambá para “cunhado”, exprimia tanto a aliança amigável dentro como a inimizade mortal fora, e muito provavelmente vice-versa. Ela aproximava e opunha de um só golpe (golpe mortalmente literal, no caso dos inimigos) (Viveiros de Castro 2000: 10).

Para o caso do açáí, o localismo da vida cria coordenações para o trabalho a partir de um arranjo de pessoas potenciais para a coleta. Tais arranjos ou coordenações de coletores baseiam-se no parentesco<sup>14, 15</sup> e estendem-se para os acordos de limites e de transmissão de áreas de uso. É uma espécie de *parentesco performativo* (Pantoja 2004; Narahara 2011), em que as relações não são codificadas necessariamente pela consanguinidade, mas pela via do afeto, estima, apreço, afeição, relação. O açáí – como a castanha ou o garimpo, por exemplo – são uma espécie de chave interpretativa (ou uma plataforma performativa) para entender as relações de reciprocidade entre os grupos extrativistas. A coleta e comercialização do fruto aciona circuitos de parentesco sobre os quais a reciprocidade é afirmada e atualizada. O parentesco é o princípio sobre a qual os mecanismos de reciprocidade são estabelecidos, ao

<sup>14</sup> Harris (2006) atribui ao parentesco a capacidade de reprodução e de resiliência das sociedades caboclas da Amazônia: “Essas pessoas são capazes não apenas de se acomodar aos mercados flutuantes, mas também de se reorganizar e se reproduzir nas novas condições encontradas a cada vez. Assim, desenvolveram uma capacidade de abraçar a mudança a cada nova fase, sem que isso resulte no fim do seu modo de vida corrente. Ao contrário, sua abertura econômica (isto é, sua capacidade de lidar com mudanças rápidas) satisfaz seu potencial reprodutivo muitíssimo bem, uma vez que essa economia agrária é suficientemente resiliente para se expandir nas épocas de relativa estagnação do mercado. A chave desse sucesso é a organização e o controle da mão-de-obra e dos recursos através das relações de parentesco” (Harris 2006: 87).

<sup>15</sup> “As casas de uma colocação são na maior parte dos casos de chefes de família ligados por laços de parentesco (assim, a casa de um casal mais velho, ou de viúva, e as casas de filhos ou genros; ou ainda casas de irmãos e de irmãs casados, formando assim como que casas ampliadas)” (Almeida 2012: 130).

mesmo tempo em que as formas de reciprocidade (como aquelas necessárias para coletar açaí) possibilitam a afirmação ou recriação dos laços de parentesco continuamente, de acordo com a sazonalidade da existência extrativista do açaí – ou da castanha ou do garimpo.

No caso do açaí na RESEX Capanã Grande existem hierarquias e prestações entre pais, filhos e irmãos e entre afins, principalmente entre cunhados, cunhadas, padrinhos e madrinhas (Harris 2006; Narahara 2011; Pantoja 2004). São afins que se organizam para apanhar o açaí, com maior participação masculina nos arranjos e combinações, que são responsáveis pelas atividades de apanha e comercialização, e menor participação das mulheres, que por sua vez relacionam-se à atividade da debulha.

### **Cadeias, redes, desenvolvimento e a agência das plantas**

A abordagem por narrativas e descrições costuradas por relações entre humanos e não humanos, por interações que conectam uma pluralidade de atores, setores, sociedades, territórios, instituições, campos do conhecimento e classes vem sendo consolidadas por Appadurai (1988), Latour (2007) e Ingold (2000) em campos da sociologia econômica, antropologia da ciência e teoria do conhecimento- cognição. Nesse tipo de enfoque, o centro de articulação entre o material e o simbólico, o humano e o não humano, parte do princípio da simetria, ou seja, natureza e cultura não se situam em níveis dicotômicos ou extrínsecos de análise; a essa concepção encontra-se associada uma visão muito específica de agência e dos atores. Aspectos culturais, ecológicos e econômicos relacionam, ou nas palavras de Tsing (2019), criam *assembleias*<sup>16</sup> entre sociedades e coisas. O ator não é uma fonte de ação, seja ele um indivíduo, um grupo ou uma organização. Ele só existe através de um conjunto de relações, trocas e assembleias estabelecidas entre humanos e não-humanos conectados por diferentes processos de tradução, que ao fim, são os valores com os quais *ações* são movimentadas. A ação é uma propriedade emergente das redes, que *humaniza* aquilo que chamamos de objetos e *coisifica* o que chamamos de seres humanos (Schmitt 2011).

---

<sup>16</sup> “Através da investigação de paisagens baseadas em reuniões de coordenações, o trabalho de campo poderia ampliar a unidade falsamente imaginada do “material” para sua relação com a ferramenta de investigação analítica. Meu uso do termo ‘assembleia’ baseia-se na ecologia e na teoria social (...). Assembleia mantém abertas as questões sobre como as variadas espécies em um agregado de espécies influenciam umas às outras. Algumas espécies são predadoras e presas; outras competem entre si; outras ainda se ajudam em relações mutualísticas. Além disso, as espécies vêm e vão. Assembleias são agrupamentos abertos. Elas nos permitem questionar sobre efeitos comuns sem assumi-los, e nos mostram histórias potenciais em formação” (Tsing 2019: 150).

A ideia de *cadeias* é comumente associada a noção de *redes* (Ribeiro 2016). Isso ocorre em razão de certas similaridades analíticas e estéticas que ambas formas de representação trazem, desencadeando fluxos, relações, combinações, trocas e assembleias entre humanos e não-humanos em modelos visuais que racionalizam e generalizam a complexidade da vida. Cadeias são relações de troca ou transformação que ocorrem em um fluxo linear de interações e processos, num concatenamento ótimo e lógico de etapas. A linearidade é aspecto importante da representação em cadeia. A rede também expressa relações entre atores. Nas redes, por outro lado, as relações são entendidas como as posições ocupadas e os fluxos estabelecidos entre atores, que podem ser pessoas, classes, organizações, instituições, órgãos de Estado ou empresas.

As cadeias-redes representam fluxos de processos que articulam “elementos culturais, veículos parentais, posições políticas, valores sociais” (Ribeiro 2016: 137), além dos conhecimentos e técnicas (Latour 2007). Nelas ocorre a produção, transformação e processamento de algo, por meio de codificações criadas no âmbito da cultura, do trabalho e do mercado.

São visualizações sobre a interconexão entre diferentes escalas e âmbitos, transcendendo domínios institucionais específicos e interligando uma grande diversidade de pessoas, espaços e campos. A rede remete a noção dos códigos e circuitos em estudos etnográficos ambientados em diferentes cenários, sejam eles microssociológicos ou globais, influenciando o debate entre humanos e não-humanos, sociedades e plantas, natureza e cultura, povos e mercados; toda e qualquer forma de ordenamento em rede é um produto da atividade performativa de atores em relação ao conhecimento e às técnicas (Latour 2007).

As *cadeias* são constructos da razão que orientam a interpretação do mundo segundo um desenrolar concatenado de processos de transformação e circulação por meio de fluxos lineares de troca, vínculos e afetações de várias naturezas. A ideia do encadeamento sequencial de relações em cadeia traz uma noção particular do pensamento ocidental sobre o funcionamento do mundo, neste caso específico, sob a égide de uma racionalidade dos negócios e do mercado (Ribeiro 2016). Acopla-se a palavra *cadeias* à vários qualificativos: produtiva, de valor, de suprimentos, de traduções.

A ideia de *redes produtivas* enfoca nas relações entre atores que mobilizam informações, conhecimentos, técnicas, parcerias, capital, trabalho, em prol de liquidar e superar

as etapas que compõem o trabalho de transformação e circulação de um produto. Aqui não se está preocupado em perceber como um ator implica no outro de forma sequencial, em díades ou interpretações apenas binárias-bilaterais de trocas, ou ainda, por meio das relações dos atores com os outros exatamente a frente de suas respectivas posições na cadeia. As redes produtivas estão preocupadas em reconhecer como o conhecimento, a informação, o poder, o capital, o valor se articulam (Amazonas 2021; Diniz 2008; Vanni 2018).

Não resta dúvida que há uma concatenação de relações e transformações aos moldes de uma *rede produtiva* operando no lago do Capanã Grande. Por outro lado, o modelo representacional, ou o racional, do *projeto de desenvolvimento sustentável* do açaí no qual trabalho também opera com a chave das cadeias; entretanto, neste caso, o conceito que está em jogo é o de *cadeia de valor*. Apesar de não haver, por enquanto, processos comerciais verticalizados que conectam produtores, atravessadores e a indústria regional do sul do Amazonas aos mercados internacionais, aos moldes do conceito de *cadeias de valor*, utiliza-se no âmbito do projeto de desenvolvimento sustentável no lago do Capanã Grande essa moldura para representar as relações, objetivos e resultados esperados com as ações do projeto de desenvolvimento<sup>17</sup>. *Cadeia de valor* é a categoria nativa operada no campo do trabalho com o açaí em parceria com a associação comunitária financiado pela agência norte-americana de cooperação técnica. Além de categoria nativa, *cadeia de valor* é o pano de fundo conceitual por onde se dá a empreita de incrementar a renda e conservar a floresta por meio de *projetos de desenvolvimento sustentável*.

A categoria cadeia de valor é, em certa medida, a justaposição do *valor-preço* numa *rede de atores*<sup>18</sup> que manipulam o açaí em diferentes escalas. Nesta rede do valor-preço, para cada salto do produto de um ator para outro, há o acréscimo de um ágil, de uma sobretaxação de lucro por algum tipo de trabalho, processamento ou processo agregado por estes atores ao açaí. É o açaí dessubstancializado das combinações de parentesco e aliança necessárias para que fosse coletado que adentra ao mercado. Essa passagem para fora do mundo dos

---

<sup>17</sup> “A maioria das referências da literatura sobre o funcionamento do extrativismo é baseada na abordagem de cadeia produtiva. Apenas recentemente começou-se a completá-la com trabalhos utilizando noções de cadeia de valor ou de APL [Arranjo Produtivo Local] e SPL [Sistema Produtivo Local], mas principalmente para representar configurações desejadas em vez de situações reais” (Diniz 2008: 328).

<sup>18</sup> As redes se constituem, nessa ótica, como uma chave de leitura capaz de desvendar os contextos relacionais onde se inserem os atores: indivíduos, famílias, grupos e organizações. São, portanto, fundamentalmente, sociais” (Schmitt 2011: 98).

extrativistas, para o mundo dos empresários e dos consumidores, é a conversão da natureza em mercadoria.

Como dito anteriormente, existe uma interpretação econômica e outra conservacionista em relação ao açaí, que lhe atribui identidade operativa de *valor-preço* (capital, renda, lucro, trabalho) e de *valor-conservação* (ecologia, cultura, meio ambiente, biodiversidade, clima). Está em jogo a prerrogativa de que Atores-Rede estão em intersecção com a Oferta-Demanda-Rede e com o Clima-Biodiversidade-Rede; ou ainda, de que Grupos-Domésticos-Rede estão em interação com o Mercado-Rede e com um Planeta (Gaia)-Rede. Tais visões - economicista e conservacionista - antecedem e, ao mesmo tempo, viabilizaram a pesquisa de campo e a prática reflexiva do mestrado.

### **Sobre o açaí no lago do Capanã Grande/AM**

Ao longo da pesquisa foi dado centralidade à economia das trocas, ou a economia das relações, entre humanos e não humanos, entre extrativistas do lago do Capanã Grande e o açaí. Neste fluxo de transformações de valores de atores sobre o açaí, focamos nos modos de vida ligados às sazonalidades das plantas, aos ciclos e ritmos vegetais que mobilizam combinações de afins e criam esquemas de associação política e prestação econômica. Entendemos como a relevância da agência das plantas sobre os modos de vida sazonais amazônicos, de como ela interage com o parentesco e com a forma de fazer alianças. Ao longo da representação em cadeia-rede, a tradução para o açaí em seus elos-nós iniciais é parentesco e aliança, quando famílias e grupos o manipulam na esfera da reciprocidade doméstica. Quando entram em cena os atravessadores-comerciantes-regatões que circulam regularmente pelo lago, a tradução passa a ser o valor financeiro, de moeda. Neste momento o açaí vira mercadoria, algo que tem no preço sua medida de troca e distinção.

A partir de sua mercantilização, o açaí transita por diferentes circuitos de transformação e, principalmente, de agregação de valor financeiro. Ele passa a circular em barras congeladas, para ser batido nas tigelas, em vários estabelecimentos comerciais Brasil a fora, ou a compor receitas e misturas em produtos da indústria de alimentos e de cosméticos nacionais e internacionais. O modelo representacional da cadeia de valor é baseado no concatenamento lógico entre conhecimento técnico-ecológico-mercadológico e transformações sucessivas de coisas em produtos que atendem mercados consumidores, sobretudo, globais, internacionais.

Existindo e operando em escalas transnacionais, as cadeias de valor têm na otimização e maximização de processos, relações e custos sua origem e fundamento. Reconhecemos que o conceito de cadeia de valor, aos moldes de sua representação usual, não espelha *ipsis literis* a realidade do lago do Capanã Grande, afinal; vimos que as relações produtivas que ali se sucedem não atendem mercados internacionais. Apesar disso, a locução ou categoria “cadeia de valor” é a forma pela qual meus interlocutores, principalmente do campo do desenvolvimento, denominam as relações de transformação do açaí no âmbito da comercialização de produtos da sociobiodiversidade.

Focamos, portanto, nas combinações domésticas de parentesco que são sazonalmente acionadas para irem às matas e várzeas coletar (afinidade), nas escolhas de associação política locais feitas por estas pessoas (aliança), bem como nas relações e trocas de transformação e consumo do açaí (rede-cadeia de valor). Em suma, o argumento centrou-se nas combinações entre famílias e grupos domésticos que são mobilizadas e nas prestações destes com comerciantes e projetos de desenvolvimento sustentável que são estabelecidas durante a coleta sazonal do açaí, período no qual redes de parentesco e aliança são vivificadas para irem às várzeas e matas coletar. Sem trocas e prestações entre grupos extrativistas não existe mobilização para o trabalho que faça com que o fruto do açaí circule por determinados circuitos comerciais ou campos, como o das cadeias e redes, do mercado ou do desenvolvimento sustentável.

Entendemos melhor como a sazonalidade repercute nos modos de vida extrativista, seja para ontologias vegetais como as do açaí, ou minerais, como as do garimpo – que ainda merecem melhor atenção e mais observação de campo, em projetos de pesquisa futura de maior fôlego. Com a ajuda dos registros captados pelo *survey*, vimos quais são as rotinas e práticas utilizadas durante a safra do açaí, elementos que ajudaram na descrição do modo de vida extrativista e que trouxeram insumos para, quem sabe no futuro, uma elaboração mais robusta sobre os sistemas de conhecimento tradicionais ligados ao extrativismo do açaí.

Sabemos que as trocas que marcam a atividade do açaí no lago estão envoltas em relações de reciprocidade. O parentesco, a aliança e o comércio foram chaves para entender a economia das trocas e relações no lago. Normalmente pais, sogros, irmãos adultos e cunhados unem-se para a atividade da coleta e comercialização. São responsáveis pela subida, trabalho extenuante de muita exigência física, e também pela negociação do açaí - principais atividades ligadas ao gênero masculino. Mulheres fazem a debulha, e assim como sogros, padrinhos,

madrinhas, filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas e estão em menor número nas combinações dos grupos de afins do açáí, apesar de sempre presentes.

Notamos ainda que a aliança de pessoas ligadas pela terra, que lutou pela criação da RESEX no passado recente, articula-se novamente em torno da associação comunitária para vivificar lutas por meio, agora, não mais da agência da terra, mas do açáí. A cadeia de valor é uma espécie de plataforma, uma arena de performances, em que extrativistas se organizam sob a agência de um fruto, para tentar melhorar suas condições de vida, segundo novas relações e modelos de racionalidade. Novos campos de mobilização, codificação, tradução surgem, porém, a mesma aliança política comunitária que lutou pela melhoria da vida por meio do direito à terra é mobilizada para o açáí. Esta mesma aliança performa suas manifestações e ações políticas coletivas em torno de cadeias de valor de produtos da sociobiodiversidade. O que era a luta pela terra, o direito à terra, transforma-se numa luta pelos frutos dessa terra, ou como nas palavras de um de meus interlocutores, o Miguel, de “Ser dono do próprio trabalho”.

O açáí é uma cadeia que para operar, em termos ecológicos e produtivos, precisa de abundância extensiva (áreas de até 10 hectares de açazais manejados por cada família ou grupo doméstico) e de trabalho intensivo (coleta de até 216 kg ou 20 latas de açáí por dia, ao longo de 2, 3 até 4 dias por semana durante a safra, que vai de janeiro a maio). A economia ecológica do açáí se dá em áreas florestadas ricas e abundantes em açazais das várzeas e dos centros. Um tipo de economia que ocorre somente onde há floresta, de base florestal, portanto. O monocultivo de açáí, que procura otimizar o aspecto extensivo, disperso, pulverizado dos açazais nativos, tem sido uma prática em expansão principalmente no estado do Pará. O aspecto do trabalho intensivo do açáí não conseguiu ser superado até o momento, nem por algum tipo de invenção disruptiva de mercado, tampouco por tecnologia de substituição da mão-de-obra para a coleta do açáí. O manejo e coleta do açáí é uma atividade extrativista de florestas nativas ou plantadas que implica, ainda, em muito trabalho intensivo.

Houve uma paridade de registros do *survey* para o uso de açazais de áreas de “Várzea” e do “Centro”, dois ambientes-categorias importantes para os chaveamentos e interpretações sobre as rotinas e práticas ecológicas dos extrativistas. O açáí é uma atividade feita em “Grupo”, em uma determinada área “Comum”. Registros esporádicos foram captados e jogam luz para modalidades mais restritas no âmbito das trocas. As categorias “Meiar” e “Direito de uso” são formas não usuais de relacionamento que comportam trocas entre os grupos domésticos em arranjos e contratos de domínio sob as áreas de açazais e da produção coletada pelas partes que



meiaram ou que possuem direito de uso sob determinada área de açazais. O açá é de quem tem o direito de uso da área onde foi coletado e de quem o pegou, de quem subiu e tirou o cacho. Pudemos ainda identificar duas modalidades ou classes a partir do trabalho e posição das pessoas no grupo doméstico: aqueles que sobem, “Atrepam” (normalmente pais, filhos, irmãos e cunhados jovens) e aqueles ou aquelas que “Debulham”, (que podem ser os mesmos que sobem, aliados de mães, filhas, filhos, cunhadas e sogros).

Há uma divisão por gênero e etária em relação ao trabalho com o açá. O açá é uma atividade predominantemente masculina entre os extrativistas do lago do Capanã Grande. Das 39/108 (36%) pessoas que trabalham diretamente com o açá, 33/39 (85%) são homens. Apenas 06/39 (15%) são mulheres. Homens e mulheres fazem todos os trabalhos envolvidos na atividade do açá. Entretanto, cabe somente aos homens o trabalho da escalada, a tarefa de subir no açazeiro, e a comercialização, a interação de troca com os atravessadores-comerciantes-regatões.

Normalmente os sogros-irmãos-cunhados negociam por suas famílias ou grupos domésticos o açá apanhado com comerciantes locais, as versões contemporâneas dos marreteiros e regatões do tempo da borracha, numa nova conjuntura histórica de valorização econômica e verticalização do mercado do açá, a partir dos anos 2010s. A comercialização em maior escala é, portanto, um fenômeno recente no lago do Capanã Grande. Não há desde então formalidade ou regulação para esta nova cadeia formada, notadamente em seus primeiros elos, respectivos às primeiras transformações e trocas econômicas do fruto. Numa cadeia regulada pela informalidade, os laços de confiança que projetam as relações, as trocas - e, sobretudo, as vendas - são amparadas em laços de reciprocidade entre os extrativistas e os atravessadores-comerciantes-regatões. Neste circuito e trânsito inicial os regatões e marreteiros ordenam o escoamento, fazendo a intermediação entre os extrativistas com os donos dos recreios e clientes urbanos. Os regatões e marreteiros tornam o fluxo do açá constantes para a indústria durante a safra e estabelecem o preço do seu trabalho compatibilizando a demanda das indústrias, com a oferta de açá por parte dos grupos extrativistas.

## Referências

ACSERALD, Henri; MELLO, Cecília Campello Amaral & BEZERRA, Gustavo das Neves. 2009. *O que é Justiça Ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond.

ALIER, Joan Martínez. 2014. “Ecologia Política: o estudo dos conflitos ecológicos distributivos”. In: *O Ecologismo dos Pobres*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. pp. 89-144.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2004. “Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(55): 33-52.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2012. “As colocações: forma social, sistema tecnológico, unidade de recursos naturais”. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 17(1): 121-152.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2013. “Caipora e outros conflitos ontológicos”. *R@u: Revista de Antropologia da UFSCar*, 5(1): 7-28.

AMAZONAS. 2021. Diretrizes para a Construção Conceitual da Bioeconomia no Amazonas. *Nota Técnica*. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. Ciência, Tecnologia e Inovação na Bioeconomia Amazônica Manaus: Governo do Amazonas, n.º 1, p. 7

APPADURAI, Arjun (ed.). 1988. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press.

BECKER, Bertha. 2007. *Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean.-Claude & CHAMBOREDON, Jean-Claude. 1999. *A Profissão de Sociólogo*. Petrópolis: Vozes

BRASIL Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2013. UHLIG, Vivian Mara; SIGNOR, Cleiton Adriano. *Plano de Manejo Participativo da Reserva Extrativista lago do Capanã Grande*. Brasília: Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA). Brasília.

BRONDÍZIO, Eduardo S. 2008. *The Amazonian Caboclo and the açai palm: forest farmers in the global market*. The New York Botanical Garden Press, Bronx.

CABALZAR, Aloisio; RICARDO, Beto & ALBERTA, Lucia (orgs.). 2010. *Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico*. São Paulo: Instituto Socioambiental.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana Cabral. 2016. “Feitos de sementes e pedra: afecção e categorização em uma etnografia da Amazônia”. *Etnográfica*, 20(1): 143-161,

CARNEY, Judith. 2017. “O arroz africano na história do Novo Mundo”. *Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 6(2): 182-197.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 2012. “Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional”. *Revista de Antropologia da USP*, 55(1): 439-467.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 2002. *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia. das Letras.

DESCOLA, Philippe. 2015. “Além de natureza e cultura”. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, 3(1): 7.

DINIZ, Janaína D. de A. S. 2008. *Avaliação-construção de produtos de desenvolvimento local a partir da valorização dos produtos florestais da Amazônia brasileira: caso da castanha-da-*

*Amazônia*. Tese de doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal de Brasília, Brasília.

EIDT Jane Simoni & UDRY Consolacion. 2019. *Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil*. Editoras Técnicas. Brasília, DF: Embrapa.

HARRIS Mark. 1998. “What it Means to be Caboclo: some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object”. *Critique of Anthropology*. 18(1): 83-95.

IGLESIAS, Marcelo Manuel Piedrafita. 2008. *Os Kaxinawá de Felizardo: correrias, trabalho e civilização no Alto Juruá*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

INGOLD, Tim. 2004. “Two reflections on ecological knowledge”. In: G. Ortalli & G. Sanga (eds.), *Nature Knowledge: ethnoscience, cognition, identity*. Berghahn: New York. pp. 301-311.

LANNA, Marcos. 2000. “Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva”. *Revista de Sociologia Política*, 14: 173-194.

LATOUR, Bruno. 2007. *Reassembling the social: An Introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford University Press.

LATOUR, Bruno. 2019. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. 2003 [1950]. “Introdução à Obra de Marcel Mauss”. In: M. Mauss, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 11-46.

LIMA, Ana Gabriela M. de; OLIVEIRA Joana C. de & SHIRATORI, Karen. 2021. “Conhecimentos associados à biodiversidade” (Seção 8). In: M. C. da Cunha; S. B. Magalhães & C. Adams, *Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças*. São Paulo: SBPC. pp. 16-89.

LIMA, Ferreira Bianca. 2016. Cadeia de Valor do Açaí: O Caso dos Kagwahiva do Médio Rio Madeira. Diagnóstico do potencial da produção agroextrativista, pesquisa de mercado e rotas de escoamento nas Terras Indígenas Diahui, Nove de Janeiro e Ipixuna. *Nota Técnica*. Projeto Gestão Territorial Indígena no Sul do Amazonas. Fundo Amazônia/ BNDES. Brasília. Instituto Internacional de Educação do Brasil.

LIMA, Deborah Magalhães. 1999. “A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico”. *Novos Cadernos NAEA*, 2(2): 5–32.

MAIZZA, Fabiana. 2014. "Sobre as crianças-planta: o cuidar e o seduzir no parentesco Jarawara". *Mana*, 20(3): 491-518.

MAUSS, Marcel. 2003 [1923-24] “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 183-314.

- NARAHARA, Karine Lopes. 2011. *Entre a margem e o centro: agroextrativismo, troca e reciprocidade em um seringal acreano*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- NEALON, Jeffrey T. 2016. *Plant theory: biopower and vegetable*. Stanford, California: Stanford University Press.
- PANTOJA, Mariana Ciavatta. 2004. *Os Milton: cem anos de história nos seringais*. Fundação Joaquim Nabuco.
- POLANYI, K. 1980 [1944]. *A grande transformação. As origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. 2012. “Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento”. In: A. Zhoui (org.), *Desenvolvimento, Reconhecimento de Direitos e Conflitos Territoriais*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia. pp. 196-233.
- RIBEIRO, Magda dos Santos. 2016. *Natureza e mercado: castanheiros, empresários e as economias de suas relações*. Tese de doutorado. Doutorado em Antropologia Social e Cultural, Universidade de São Paulo.
- SABOURIN, E. 2005. “Organização dos agricultores e produção de valores humanos”. In: *XII Congresso Brasileiro de Sociologia - SBS, Belo Horizonte*.
- SABOURIN, E. 2011. “Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento”. *Sociologias*, 13(27): 24-51.
- SABOURIN, E. 2012. “A Construção social dos mecanismos de qualificação e certificação entre reciprocidade e troca mercantil”. *REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, 4(2): 83-104.
- SACHS, Ignacy. 2004. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- SCARAMUZZI, Igor Alexandre Badolato. 2020. “Modos de orientação na floresta e as formas do entender no extrativismo comercial da castanha entre quilombolas do Alto Trombetas, Oriximiná/PA”. *Revista de Antropologia*, 63(1).
- SCHMITT, Claudia J. 2011. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. *Sociologias*, 27: 82-112.
- SCOTT, James C. 2017. *Against the Grain: A Deep History of the Earliest States*. Yale University Press.
- SILVEIRA, Diego Soares da. 2011. *Redes sociotécnicas, práticas de conhecimento e ontologias na Amazônia: tradução de saberes no campo da biodiversidade*. Tese de doutorado. PPGAS da Universidade de Brasília, Brasília.
- STOLL, Émilie; ALENCAR, Edna Ferreira; MEDAETS, Chantal & FOLHES, Ricardo Theophilo. 2019. *Paisagens Evanescentes: Estudos sobre as percepções das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios amazônicos*. Belém: Editora NAEA.

TSING, Anna Lowenhaupt. 2015. *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.

TSING, Anna Lowenhaupt. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

VANNI, Monique Barenboim Salles. 2018. *Brazilian Açaí Berry and Non-Timber Forest Product value chains as determinants of development from a global perspective*. Tese de doutorado. The London School of Economics and Political Science (LSE).

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. 2001. “A dívida e a diferença. Reflexões a respeito da reciprocidade”. *Revista de Antropologia*, 44(1): 185-220.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2000. “Atualização e contra-efetuação do virtual na socialidade amazônica: o processo de parentesco”. *Ilha Revista de Antropologia*, 2(1): 5-46.